

Decoloneidade e mística: uma possível aproximação entre a concepção de natureza dos povos indígenas do Brasil e o pensamento de Espinosa

Júnior Silva de Almeida ¹

Halina Macedo Leal ²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo tratar da relação de proximidade entre o pensamento de Espinosa e dos povos indígenas, ressaltando a natureza como espaço da experiência mística. Para isso, iremos abordar num primeiro momento os conceitos de *natureza*, e a perspectiva *mística* no pensamento de Espinosa. Num segundo momento iremos apresentar este mesmo conceito no pensamento dos povos indígenas a fim estabelecer uma relação de aproximação e distanciamento.

Palavras-chave: Natureza- Deus- Mística- Indígenas

Abstract: The aim of this article is to discuss the close relationship between Spinoza's thought and that of indigenous peoples, highlighting nature as a space for mystical experience. To do this, we will first look at the concepts of nature and the mystical perspective in Spinoza's thought. Secondly, we will present this same concept in the thinking of indigenous peoples in order to establish a relationship of approximation and distancing.

Keywords: Nature- God- Mystique- indigenous

1. Introdução

O tema da natureza é de grande relevância no pensamento de Espinosa, sendo sua filosofia um elogio a vida e a imanência, também para os povos indígenas a natureza é manifestação e presentificação do sagrado. O objetivo dessa pesquisa é fazer uma leitura em ambas as perspectivas a fim de averiguar se ocorre convergência entre o pensamento de Espinosa e a sabedoria dos povos indígenas no que se diz respeito a experiência mística mediada pela natureza.

Na primeira seção tratamos do conceito de Deus e natureza em Espinosa.

2. A noção de Deus, ou seja, natureza, em Espinosa

Ao tratarmos do conceito de natureza temos numa primeira definição que vem dos gregos (*physis*) que se traduz por *Natura* em latim, no pensamento de Aristóteles a definição de Natureza: “A substância das coisas que têm o princípio do movimento em si própria”

¹ Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduado em Filosofia pela Faculdade Vicentina de Paraná de Curitiba (FAVI), Graduado em teologia pela Faculdade Studium Theologicum de Curitiba (CLARETIANO).

² Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

(Abbagnano, 1982, p. 670). Nesse sentido, a natureza aparece como *arché* isto é, princípio e origem de tudo quanto existe sendo causa do universo.

Em Espinosa temos uma concepção semelhante, vejamos na proposição 15 da primeira parte da Ética: “Tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido” (Spinoza, 2018, p. 22). Para Espinosa a existência e a essência de uma substância se confundem, é a mesma coisa. Deus é a causa imanente e não transitiva de todas as coisas. A visão de Espinosa difere da idéia do Deus que cria o mundo, mas depois se afasta numa total transcendência, o Deus de Espinosa é imanente e, auto produtor está produzindo a todo o momento, isso ocorre por meio dos modos que manifestam sua existência de infinitas maneiras, no livro I da ética na definição 6 Espinosa nos apresenta uma breve definição: “Por Deus entendo um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância consistindo em uma infinidade de atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (Spinoza, p. 2018, p. 13).

Esse ser perfeitamente autônomo e único é também infinito: ele engloba a totalidade do real (Lenoir, 2019, p.92). Dessa forma, ao pensarmos em natureza com Espinosa nos deparamos com uma realidade perfeita em seu modo de ser, de forma que não se pode encontrar defeito na natureza nem contingência, vejamos nas palavras do autor na proposição 29 da parte 1: “Nada existe, na natureza das coisas, que seja contingente; em vez disso, tudo é determinado, pela necessidade da natureza divina, a existir e a operar de uma maneira definida” (Spinoza, 2018, p. 35).

Temos aqui uma afirmação importante o Deus apresentado por Espinosa é livre e não sofre influências externas, não é impossibilitado por nenhuma contingência, nesse sentido, tudo ocorre de forma perfeita, nada há fora do controle, mas pelo contrário age sempre de acordo com sua necessidade estabelecida pelas leis eternas e infinitas da natureza, tudo o que existe , existe em Deus. Essa tese é relevante para adentrarmos em dois conceitos importantes em Espinosa, a saber, a natureza *naturante* e *naturada*, que nos ajudam a distinguir não somente o que Espinosa entende por essência de Deus mas também a maneira de agir por seus modos. Assim ele escreve:

Antes de prosseguir quero aqui explicar, ou melhor, lembrar, o que se deve compreender por natureza naturante e por natureza naturada [...] Por natureza naturante devemos compreender o que existe em si mesmo e por si mesmo é concebido, ou seja, aqueles atributos da substância que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, considerado como causa livre. (2018, p. 35)

Espinosa faz uma distinção importante ao referir-se ao conceito de natureza, o Ser de Deus aqui compreendemos por sua essência e existência, Espinosa distingue os modos e atributos:

Por natureza naturada, por sua vez, compreendo tudo o que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que existem em Deus, e que sem Deus, não podem existir nem ser concebidas. (2018, p. 35).

Como vemos nas palavras de Espinosa na proposição 29 da parte 1 da ética, existe uma distinção entre os conceitos de natureza naturante e natureza *naturada*. A natureza naturante está na ordem da eternidade e da infinitude da própria essência e existência de Deus. A natureza *naturante* exprime-se o modo de Deus, ou seja, da natureza de Deus agir e criar e se manifestar no mundo por meio de seus atributos que seguem uma necessidade livre e imanente em tudo quanto chamamos vida.

Como foi demonstrada, na citação, Espinosa, difere muito bem a substância de Deus, isto é, aquilo que existe por si mesmo e basta a si mesmo, dos atributos e dos modos que compreende todo o real e nós seres humano por exemplo. A substância infinita de Deus possui uma infinidade de atributos dos quais podemos conhecer apenas dois: *pensamento e extensão* (mente e matéria) que são também infinitos, que derivam o conceito de corpo e ideia que são modos finitos da substância infinita de Deus. Nesse sentido, percebe-se que a noção de atributos e modos que Espinosa nos apresenta como sendo manifestação de Deus, nos permite ampliar a compreensão de natureza, uma vez que cada pensamento como sendo ideia reproduz nos modos os atributos da substância infinita de Deus. Dessa forma, podemos afirmar que a noção de natureza em Espinosa vai muito além de reduzir a natureza como plantas árvores e animais ou em outras palavras somente a matéria. A natureza e todo ecossistema fazem parte dos atributos de Deus, mas não o limitam. O Deus de Espinosa engloba toda a realidade e toda a consciência do universo, cada pensamento, cada pessoa é expressão singular dos modos e atributos de Deus, de forma, que tudo o que é, é em Deus.

Após essas demonstrações nota-se de que se trata a concepção de Espinosa sobre Deus, certamente não é um Deus separado do mundo, nem semelhante aos homens, mas em vez disso, é imanente ao mundo, imanente aos seres que são expressões simulares de Deus, tem aqui uma visão monista de Deus e não uma dualista como tradicionalmente temos na história da filosofia (Lenoir, 2019, p.92).

A compreensão de Espinosa sobre Deus, levou muitos a afirmarem que era ateu, contudo é necessário deixar claro que ele não se afirmava ateu, mas como foi apresentado, sua concepção de Deus é de fato singular, não é o Deus revelado pela tradição judaico-cristã, mas pensava racionalmente sobre Deus. Nem materialista, nem espiritualista, mas as duas coisas, pois o mundo é feito das duas coisas.

Para Espinosa, Deus é tão importante que ele inicia seu livro *Ética* falando sobre Deus, é partir da consciência de Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus que ele irá fundamentar a sua proposta ética, não se baseando naquilo que os homens deveriam ser mas, na compreensão daquilo que somos, sobretudo, na compreensão de que o homem é expressão, participação na substância infinita de Deus, isto é da Natureza.

Espinosa, parte do princípio de que a maior felicidade possível é o amor intelectual da mente para com Deus o que ele chama de beatitude quando nos unimos a natureza e nos conformamos a ela. Essa concepção espinosana sobre a natureza, levou Albert Einstein a afirmar quando o perguntaram se acreditava em Deus: “Acredito no Deus de Espinosa que se revela na harmonia de tudo o que existe (Lenoir, 2019, p. 97). É sobre isso que iremos tratar na próxima seção desse artigo, a saber sobre a possibilidade de uma experiência com o Deus apresentado por Espinosa.

1.2 Mística em Espinosa

A filosofia de Espinosa é marcada por uma originalidade que se fundamenta em seu método geométrico ao demonstrar seus argumentos na ética de forma racional como linhas planas, mas esse caminho racionalista abre espaço de forma surpreendente quando o autor chega a conclusão de que pelo caminho do conhecimento ordenado é possível se chegar ao conhecimento das causas, superando os efeitos, Espinosa formula uma concepção de conhecimento onde já não mais compreende as coisas confusamente nem de forma mutilada.

A filosofia de Espinosa propõe em sua obra *Ética* uma epistemologia que se desenvolve em níveis de conhecimento que se percorre gradativamente do primeiro ao terceiro gênero. Espinosa define três gêneros do conhecimento. Deste modo, conforme aumentamos nossa potência, e consequentemente nossa capacidade de pensar, os gêneros de conhecimento aumentam também, passando por diversos graus. Conforme a potência aumenta, saímos da passividade de um pensamento do primeiro gênero, nomeado por Espinosa como imaginativo, e chegamos ao segundo, que Espinosa chamará de racional. No terceiro gênero, por meio do conhecimento da essência das coisas, passa-se ao desvelamento da realidade como um todo. Nas palavras de Espinosa: “O terceiro gênero de conhecimento procede da ideia adequada de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas dessa maneira, tanto mais compreendemos a Deus” (2013, p.228). Sendo assim, a maior virtude da mente consiste em compreender as coisas por meio do *terceiro gênero de conhecimento*. Isto ocorre através da correta compreensão das qualidades e atributos de Deus que nos leva a conhecer a essência das coisas como sendo causadas por Deus. É desta maneira que o homem passa à sua maior perfeição, à sua maior alegria, pois é uma alegria cuja causa é promovida por Deus.

Espinosa ao apresentar este conceito de terceiro gênero de conhecimento permite uma abertura para uma experiência com Deus. Em sentido, geral se for considerado um conceito de *mística* no sentido onde se admite uma “comunicação direta entre o homem e Deus” (Dicionário Abbagnano de filosofia, 1970, p 671), é possível afirmar que em Espinosa aparece uma perspectiva *mística* na ética. Pois o homem, ao agir racionalmente no controle das paixões, se comunica com Deus de algum modo quando vivência o amor intelectual de Deus.

É nesse sentido, que o afeto de amor, na ética em Espinosa, torna-se de grande importância. É isso que Teixeira nos quer afirmar: “O amor diz Espinosa, não é senão o gozo de uma coisa e a união com ela” (Lívio Teixeira, 2001, p.99). Desta forma o nosso destino dependerá exatamente do objeto a que nos unimos por amor. Tudo vai depender da qualidade do objeto ao qual amamos. Pois, se nos unirmos às coisas perecíveis, naturalmente será mau uma vez que a duração da potência de existir será limitada. Isto ocorre quando não temos conhecimento de outras coisas superiores. Assim fica claro que devemos conhecer as coisas que não são passageiras para podermos amá-las. Dessa forma Espinosa nos apresenta o amor intelectual da mente para com Deus, pois é quando o homem, por meio da razão, une-se a Deus,

encontrando sua plena realização. É próprio da natureza divina ser eterna e infinita. Assim o homem compreende as causas de todas as coisas que, sendo o próprio Deus, naturalmente é levado a amar a Deus sempre mais:

O verdadeiro conhecimento das coisas há de ser pelas causas das coisas e, como Deus é a causa primeira, o conhecimento de Deus vem antes das outras coisas, dependendo daquele o conhecimento destas. Ora, como o verdadeiro amor nasce do conhecimento da magnificência e da bondade do objeto, é necessário que o amor se fixe, mais do que sobre qualquer outro objeto, no senhor nosso Deus. (Lívio Teixeira, 2001, p. 99)

Como afirma Teixeira na citação, é quando os homens vivenciam esta experiência através da razão, que se chega ao conhecimento pleno das causas e, inevitavelmente, ao conhecimento de Deus. É a forma mais elevada do afeto de paixão, pois, sendo o amor também um tipo de paixão que gera alegria, temos no amor intelectual de Deus a passagem mais perfeita de uma paixão fraca para uma paixão forte. Aqui nessa experiência a mente compreende a si mesma como imersa em Deus, conhece e entende que não há separação entre ela e Deus. Da mesma maneira, sendo o afeto de amor pelos bens passageiros superados pelo amor intelectual da mente para com Deus, encontramos a plena realização do homem com suas potencialidades. Espinosa explica que nesta experiência mística de Deus o homem passa a contemplar as coisas sob a perspectiva da eternidade. Nas palavras de Espinosa: “Tudo que a mente compreende sob a perspectiva da eternidade não o compreende por conceber a existência atual e presente do corpo, mas por conceber a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade” (2013, p. 230). Esta capacidade do homem contemplar as coisas sob a espécie de eternidade é um atributo da mente humana e não do corpo, pois o corpo é preso às noções de tempo e espaço. Já a eternidade não pode ser explicada pela duração de tempo, pois é uma eterna consciência da existência presente. Mas esta é uma potencialidade da mente de compreender toda a natureza, inclusive a essência do corpo sob a perspectiva da eternidade. Segundo Espinosa, existem duas maneiras de compreendermos as coisas no mundo:

Concebemos as coisas como atuais de duas maneiras: ou enquanto existem em relação com um tempo e um local determinados, ou enquanto estão contidas em Deus e se seguem da necessidade da natureza divina. Ora as que são concebidas como verdadeiras ou reais dessa segunda maneira nós as concebemos sob a perspectiva da eternidade. (2013, p. 230)

Dessa forma, temos a distinção entre as duas maneiras em que podemos conceber as coisas. Uma de forma limitada determinada, que se dá em relação ao espaço e tempo e onde se compreende a realidade de forma imediatista; e outra sob a perspectiva da eternidade, onde, por

meio de um distanciamento, nessa experiência a mente se reconhece ela mesma como sendo parte da única substância presente em todas as coisas. Aqui entramos propriamente na perspectiva mística isto é, na participação de união com a divindade, o acento aqui se dá na racionalidade, mas que afeta o homem na sua totalidade sendo esse amor também o maior e mais potente de todos os afetos.

É nesta experiência que o homem passa a não ser mais vítima do tempo e do espaço. Nesta experiência o homem se liberta da realidade social, entende que tudo que existe, só poderia ser da maneira que é, seguindo as leis eternas da natureza de Deus.

Assim, é a partir dessa experiência que o homem se percebe como parte de um todo composto por uma perfeição infinita de uma forma que seu agir não será mais um agir imposto por crenças. Pelo contrário, seu agir será motivado pela compreensão de sua verdadeira essência que é Deus.

A experiência de eternidade é mais do que apreciar o belo, que existe na natureza divina, mas é um *sentir-se “com”*, ou seja, é estar em união plena com o sublime que se manifesta em tudo que respira vida. Esta experiência resgata no homem sua sensibilidade para contemplar a perfeição da vida que acontece em cada momento de nossa existência, pois, a partir dessa experiência, o homem vislumbra sua verdadeira identidade do ser do agir e existir. Isso é idêntico à substância divina, pois, agimos agora livre das noções imaginárias, agimos não presos às percepções do corpo. Nessa vivência o agir é ordenado pela atividade infinita divina onde não há tempo nem começo nem fim, onde há uma plena identidade da existência e do agir, onde não existe mais conflito entre aquilo que somos e o que fazemos, pois a mente compreende a si mesma como parte nesse todo maior que abarca tudo o que existe e se percebe a si mesma como eterna em conexão com toda a natureza.

Após essa reflexão acerca da compreensão de Deus e natureza no pensamento de Espinosa e perspectiva mística que se vislumbra no capítulo V da ética, almeja-se compreender a concepção dos povos indígenas sobre a Deus e sua relação com o sagrado por meio da natureza, e por fim verificarmos se há de fato convergência entre essas duas concepções filosóficas numa leitura decolonial.

2. Decoloneidade a partir do pensamento indígena

O pensamento indígena apresenta características próprias, profundamente enraizadas em sua forma singular de perceber o mundo e de se relacionar com ele. O que está em perfeito acordo com a autêntica filosofia que “[...] não é apenas uma atividade puramente intelectual, mas também é percepção e afeto” (Valim *et al.* 2025b, p. 178). Sua epistemologia – que pode ser compreendida como um modo particular de produzir e transmitir conhecimento – se estrutura fundamentalmente por meio da tradição oral, em contraste com a ênfase na escrita que marca a filosofia ocidental (Valim, 2024, p. 44, 55, 108, 123, 128). Nesse contexto, destacam-se a afetividade na oralidade e na transmissão do saber através da coletividade (Valim, 2024, p. 59, 75, 76, 77, 81, 117; Valim *et al.*, 2025b, p. 180; Krenak, 2019, p. 28), não por meio de acervos como a Biblioteca de Alexandria, mas no compasso da vida comunitária, nas rodas de conversa ao redor da fogueira, onde o conhecimento é compartilhado, vivenciado e ressignificado de geração em geração. A ontologia indígena não se fundamenta na metafísica abstrata, como ocorre em grande parte da tradição ocidental, mas na realidade concreta e integrada do todo que circunda os sujeitos (Valim, 2024, p. 56, 67, 91, 94, 98, 112, 113, 119, 121). A natureza, nesse contexto, não é concebida como uma entidade separada do ser humano, mas como parte indissociável de sua existência. Ailton Krenak, por exemplo, deixa transparecer que nós somos constituídos pela natureza no sentido de que somos parte dela (2020, p. 15, 41), “nós somos natureza” (2017, p. 31), ou se preferir “nós somos espelhos da criação” (2017, p. 79-80) expressão que sintetiza essa visão integradora. E por isso faz o alerta onde “ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra” (Krenak, 2020, p. 73). A epistemologia indígena, por sua vez, é construída no interior da própria comunidade, por meio da transmissão oral de saberes ancestrais que atravessam gerações. Esses conhecimentos, enraizados nas experiências cotidianas, manifestam-se em práticas como a medicina tradicional, os rituais de iniciação e de passagem, e outras vivências que conferem à coletividade o papel de legitimar e validar as diversas formas de saber.

No contexto das epistemologias decoloniais, a produção de conhecimento não se dá de forma isolada ou neutra, mas está enraizada em relações comunitárias e de pertencimento territorial. A compreensão de mundo dos povos originários está intrinsecamente vinculada à terra, à natureza e à ancestralidade, constituindo-se como um saber coletivo, transmitido por meio da oralidade, da experiência e da vivência cotidiana. Portanto, entende-se que “Muitas

dessas pessoas não são indivíduos, mas ‘pessoas coletivas’, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo. (Krenak, 2019, p. 28). Tal forma de conhecimento, por muito tempo, foi marginalizada pelas estruturas eurocêntricas de validação epistêmica, que reconheciam apenas os registros escritos como legítimos – uma característica típica da racionalidade ocidental moderna (Valim *et al.*, 2025b, p. 175). Nesse contexto, torna-se fundamental transcender uma perspectiva meramente racional para compreender que os afetos desempenham um papel central na constituição do ser humano. É preciso “transcender a perspectiva meramente racional é crucial neste caso para entender que os afetos movem o ser humano profundamente a tal ponto que podemos ser arrebatados no mais intrínseco âmbito de nossa subjetividade existente na presente imanência a qual estamos todos ligados” (Valim *et al.*, 2025b, p. 175). Essa abertura à dimensão afetiva permite uma leitura mais sensível e integral da realidade, especialmente quando se trata de valorizar outros modos de conhecer e existir. Modos esses que ao longo do tempo foram subalternizados em relação aos saberes oficiais instituídos pelos governos coloniais.

Além disso, o processo de colonização implicou não apenas a exploração material dos corpos e territórios indígenas, mas também a tentativa de erradicação de suas identidades culturais por meio de um imperialismo epistêmico, que se autoproclamava portador da “alta cultura” (Valim, 2024, p. 53, 101, 104, 106, 107, 111, 112). Como ressalta Ailton Krenak, a resistência indígena não se limita à luta por terra e recursos, mas se estende à afirmação de modos próprios de existência e de saber (2019, p. 41), que se opõem à lógica produtivista e antropocêntrica da modernidade.

Assim, é fundamental reconhecer que os povos indígenas não apenas detêm formas legítimas de conhecimento, como também oferecem contribuições (Valim, 2024, p. 20, 60, 86, 115, 124) cruciais para repensar as bases do pensamento ocidental, especialmente no que diz respeito à relação entre ser humano e natureza (Valim, 2024, p. 35, 66, 98, 114, 123), à pluralidade de epistemes e à espiritualidade como dimensão constitutiva do saber.

Neste cenário, torna-se imprescindível voltar o olhar para a dimensão mística presente nas cosmologias indígenas, frequentemente invisibilizada ou reduzida a mitologia pela epistemologia hegemônica. A mística indígena não se configura como uma crença desvinculada do cotidiano, mas como um eixo estruturante da vida comunitária, da relação com o território e

da produção de conhecimento. É a partir dessa perspectiva que o próximo tópico se debruça sobre os fundamentos espirituais que atravessam o modo de ser e de conhecer dos povos originários.

2.1. Mística Indígena

A mística indígena no que diz respeito à experiência com o sagrado possui algumas características. “A cosmo visão indígena é profundamente cósmica, inter-relacional e interconectada dos povos indígenas com o Mistério da vida e com seus diversos nomes” (Charupá³, 2022 p.580) a mística indígena ganha relevância no cenário atual principalmente diante dos debates que ocorrem em relação ao futuro do planeta e a importância da Amazônia para se pensar no futuro da humanidade.

Uma das vozes influentes nessa discussão foi o Papa Francisco, desde o início de seu pontificado trouxe a tona essa realidade de crise climática do mundo bem como tecendo duras críticas ao sistema de consumismo e o modelo capitalista em que vivemos onde os mais pobres são os mais vulneráveis.

Nesse contexto o Papa chamou a atenção do mundo para a realidade dos nossos povos originários, sobretudo da Amazônia, em um dos seus últimos escritos a exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*⁴ tem destacado a riqueza da mística indígena e quanto essa forma de se relacionar com Deus na natureza tem a nos ensinar:

Na Amazônia, já recebemos riquezas que provêm das culturas pré-colombianas, tais como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido de solidariedade e a corresponsabilidade no trabalho comum, a importância do cultural, a crença em uma vida para além da terrena e tantos outros valores. (QA 70)

Como vemos nas palavras de Francisco, é preciso reconhecer as riquezas dessas culturas que cultivam a relação de comunhão com a terra da qual provêm os frutos, o valor sagrado da vida humana. Se a Amazônia hoje é centro das atenções do mundo não podemos deixar de reconhecer que esses povos que a habitam são da mesma forma dignos de respeito e

³ Roberto Tomichá Charupá, no livro *A Mística e os Místicos*. Org. Doravante será referenciado dessa forma, sendo que compõe o livro citado nas respectivas páginas.

⁴ PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Querida Amazônia*. Roma 2020. [Doravante QA].

que podemos apreender com eles principalmente o respeito e amor pela natureza, da qual somos todos parte.

A mística indígena se apresenta numa interconexão entre cultura espiritual e uma simbologia religiosa presente nos povos originários. Como em outras religiões os símbolos sagrados possuem o poder de sintetizar os valores e significados sagrados de um povo e expressar sua cosmovisão e num sentido literal de religar o homem ao divino. (Geertz, C.2003, p. 88).

2.2 O Valores ancestrais como fonte de sabedoria

Um dos aspectos importantes na espiritualidade indígena é sua relação com ancestralidade, é por meio das narrações e mitos que os conhecimentos ancestrais são transmitidos e celebrados na vida das comunidades: “Os mitos e as narrações se atualizam nos ritos e celebrações que recriam o mundo permanente das crenças e dos povos” (Charupá, 2022 p. 583). Esses mitos quando celebrados pelos indígenas em seus rituais sagrados tem o objetivo de conectar o homem com o sagrado e mantém os traços culturais por meio dos símbolos incluem dimensões, transcendentais, comunitárias e ecológicas desses povos.

Dentro desses conhecimentos ancestrais destaca-se a noção de família que compreende a consciência de fazer parte do todo, de tudo que esta em volta a natureza, os espíritos das divindades fazem parte do mesmo espaço na comunidade de forma que até se deve pedir sua permissão para entrar nos espaço sagrado e extrair seus bens, pois são eles mediadores do divino no cosmos (Charupá, 2022 p.583).

Nesse sentido, percebe-se uma relação espiritual que se mistura à vida concreta das pessoas, a relação de respeito com as divindades coloca o povo indígena numa proximidade com seus antepassados numa perspectiva de conexão que se dá de forma imanente com a natureza (Valim *et al.*, 2025b, p. 175, 181). Outro aspecto importante quando pensamos na espiritualidade indígena pode se resumir na expressão “Bem viver”. Mas o que significa isso exatamente? Segundo o Documento do Sínodo Pan-Amazônico: “Significa viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos se com o ser supremo em permanente intercomunicação entre todo o cosmos, onde não excludentes e nem excluídos” (DFSA 9). Como podemos perceber a experiência dos povos originários da Amazônia traz uma rica contribuição a nossa realidade social e, sobretudo, ambiental. Viver bem é um problema

filosófico que desde Sócrates busca-se compreender. De fato o que é viver bem? Diante da sociedade do consumo em que vivemos podemos confundir bem viver com consumismo, mas será que isso é sinônimo de boa vida, ou ainda viver bem é sinônimo de viver muitos anos?

A vivência dos povos indígenas nos interpela uma vez que nos interroga sobre a harmonia conosco mesmo, com a natureza e com as outras pessoas, de fato temos aspectos concretos de uma vivência espiritual, pois toda a experiência mística verdadeira se traduz em atitudes reais que geram sentido de vida a si e boas relações com as outras pessoas. Destaca-se aqui uma relação com a natureza, visto que cada membro da comunidade indígena não sente como um ser a parte da natureza, mas, como parte integrante.

2.3 Por uma perspectiva de disposição maternal da Natureza

Uma das contribuições mais relevantes da relação dos povos indígenas com a natureza é a compreensão desta como parte de uma rede de relações marcada por respeito, reciprocidade e sacralidade. Entre os diversos aspectos dessa cosmovisão, destaca-se a concepção da natureza como entidade viva e maternal, frequentemente representada pela figura da “Mãe Terra” (Valim, 2024, p. 44, 82, 89, 91, 118; Krenak, 2018, p. 1). Essa representação, com forte conotação feminina, reflete uma percepção simbólica e espiritual que aproxima os ciclos da natureza às características do feminino — como a fertilidade, o cuidado, a geração da vida e o acolhimento.

Na espiritualidade indígena, o divino manifesta-se de forma plural e integrada à totalidade do cosmos, não sendo restrito a uma figura única e exclusivamente masculina, como em muitas tradições ocidentais. Em diversas etnias, o mistério sagrado é designado por múltiplos nomes e expressões que evocam tanto o aspecto masculino quanto o feminino da divindade, configurando uma visão dual do princípio criador. Essa dualidade fundante — Deus e Deusa — simboliza o equilíbrio e a complementaridade presentes em toda a criação, reiterando a interdependência entre os seres humanos e a natureza.

Tal perspectiva se contrapõe à visão antropocêntrica e utilitarista da modernidade (Valim *et al.*, 2025b, p. 180), propondo uma ética ecológica enraizada na ancestralidade, no simbolismo e na experiência sensível. Assim, a sabedoria indígena oferece não apenas um conhecimento empírico sobre o meio ambiente, mas também uma dimensão espiritual e

relacional que reconhece o valor intrínseco de todos os seres e promove a harmonia entre o ser humano e a Terra.

Nesse sentido, para os povos indígenas o princípio fundante integra toda a natureza, o princípio feminino se revela principalmente na terra que acolhe a semente e nela faz germinar frutos, nesse sentido, ela é como mãe, gera vida. Este princípio fundante masculino e feminino se completam e são personificados na vida e no dia a dia dos povos indígenas, como nos apresenta Churupá: “Nossos avós mais antigos, nos dizem que a *xóchitl* e *cuicatl* nos foram dados por *Ometéotzin*, é Deusa e Deus, mistério que sempre tem sido expressado através de uma vasta pluralidade de títulos divinos” (Charupá, 2022 p.586). A imagem da mãe é fundamental para compreender a natureza como também afirma Krenak:

Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça, beleza e fartura. Veja-se a imagem grega da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. (2019, p. 31)

Essa compreensão espiritual profundamente enraizada na vivência concreta e simbólica da natureza, tão presente nas cosmologias indígenas, revela uma experiência do sagrado que se manifesta na imanência do divino em tudo o que vive. Diante disso, torna-se pertinente refletir sobre como essa percepção se aproxima — ou se distancia — da concepção filosófica de Deus elaborada por Baruch de Espinosa. A seguir, analisaremos os pontos de convergência e tensão entre a espiritualidade indígena e o pensamento espinosista, especialmente no que diz respeito à ideia de Deus como natureza (*Deus sive Natura*) e à implicação ética dessa visão para a relação entre ser humano e mundo.

3. Aproximação e distanciamentos entre o pensamento Indígena e a sobre concepção de Deus em Espinosa

Podemos constatar a partir das reflexões apresentas que existem alguns pontos em comum no que diz respeito a relação com Deus por meio da natureza. A natureza se faz meio para tal relação que podemos chamar de mística. Em Espinosa temos em seu famoso postulado *Deus sive natura* “Deus ou natureza” uma afirmação importante, pois para Espinosa, a natureza é expressão dos atributos de Deus em seus modos, isto é, na imanência das coisas existentes se faz presente Deus que não a cria, mas é sua própria causa e sua morada.

Desse modo, a concepção de Espinosa de natureza nos redireciona o olhar para além das plantas, rios, animais, que também são modos da substância única e eterna de Deus, para pensar em natureza como maneira de ser de Deus. Isso se torna importante quando Espinosa propõe sua visão mística ao nos apresentar o conceito de sub *especie aternitatis*, isto é, contemplar a realidade sob espécie da eternidade.

Por meio dessa experiência que a mente realiza através da razão, Espinosa interpela a nós leitores de hoje a contemplar todas as realidades criadas a partir de sua matriz, ou seja, um conhecimento movido pelas causas que supera os efeitos, pois tudo o que existe, existe como modo da única substância eterna e infinita de Deus.

Assim, como a natureza faz parte dessa relação, a própria mente se percebe sendo eterna pois participa de igual modo da mesma, eterna e infinita presença de Deus que emana todas as coisas, quando a mente se percebe desse modo alcança a chamada beatitude, ou seja, a suprema e maior alegria que se pode alcançar pois conhece a Deus de um modo singular, isso Espinosa chama de amor intelectual da mente para com Deus, essa felicidade o faz contemplar a si mesmo como parte da natureza e tudo o que respira vida.

Após essa breve reflexão sobre a mística em Espinosa se faz necessário agora retomar algumas características da mística indígena. Podemos destacar alguns elementos:

A experiência mística dos povos indígenas é marcada pela relação cósmica, inter-relacional e interconectada com a vida concreta (Krenak, 2019, p. 31; Valim *et al.*, 2025b, p. 182). A transmissão desses conhecimentos de sabedoria mística é feita pela oralidade contos e celebrada em seus ritos. Outro aspecto relevante é o vínculo de pertencimento da pessoa a sua comunidade que se estende de seus ancestrais a toda a natureza que forma uma grande família. Deste vínculo adentra-se numa relação de cuidado e respeito com a natureza (Valim *et al.*, 2025c, p. 8, 11), com os outros, é uma ética do bem viver esses aspectos: natureza, família. Por isso afirma Ailton Krenak que “é dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na Terra” (2020, p. 104). Afinal, “os outros seres são junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro” (2020, p. 71). Por fim, o artigo evidencia uma abertura para uma perspectiva feminina de Deus, manifestada especialmente na figura da Mãe Terra — que acolhe, gera e nutre cada ser vivo como uma filha ou filho. Essa

visão valoriza o aspecto maternal e cuidador do divino, presente na natureza como fonte de vida e sustento para todos os seres.

Temos aqui, portanto, uma aproximação entre a visão de Deus em Espinosa e a cosmovisão dos povos indígenas. Em Espinosa, Deus se manifesta na natureza e pode ser conhecido pela razão por meio de seus atributos e modos. Já para os povos indígenas, a experiência com o sagrado ocorre por meio de uma relação direta e vivencial com a natureza, vista como mãe, geradora e sustentadora da vida. Ambos compartilham a ideia de que a natureza é expressão do divino, mas, em se tratando dos indígenas, essa conexão se dá de forma mística, relacional e reverente, com uma consciência de pertencimento ao cosmos.

Considerações finais

Em síntese, ao aproximar o pensamento de Espinosa das cosmovisões indígenas, este trabalho revelou que há caminhos distintos mas profundamente complementares de reconhecer a natureza como expressão do sagrado. Seja pela razão filosófica, seja pela vivência ancestral e simbólica, ambos nos convidam a reencontrar o sentido da existência na conexão com o todo. Diante da crise ecológica e espiritual de nosso tempo, essa convergência aponta para uma espiritualidade decolonial e uma ética do cuidado, que nos inspira a habitar o mundo com mais respeito, consciência e reverência pela vida. Reencantar a relação com a Terra é, talvez, o mais urgente gesto de sabedoria.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1999.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “querida Amazônia”*. Cidade do Vaticano, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LENOIR, Frederick. *O Milagre de Espinosa*. São Paulo: Vozes Nobilis, 2020.
- LOSSO, Eduardo Guerreiro. *A Mística e os místicos*. Petrópolis, RJ: vozes, 2022.
- KRENAK, Ailton. *Tembetá – Ailton Krenak*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.
- KRENAK, Ailton. *A Vida não é Útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I* [entrevista concedida a

Jailson de Souza Silva]. Revista *Periferias* – O paradigma da potência, p. 1-21, vol. 1, nº 1, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do->

sujeito coletivo-parte-i/. Acesso em 30 ago 2022.

SPINOZA, Benedictus. *Ética*. 2. ed. Tradução de: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

TEIXEIRA, Lívio. *A Doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo: UNESP editora, 2001.

VALIM, Ricardo; BOCCA, Francisco Verardi. *Quem Deve (Ou Pode) Cuidar do Meio Ambiente? Uma reflexão filosófica-decolonial*. Clareira - Revista de Filosofia da Região Amazônica, vol. 11 nº. 1, p. 23-40, 2025a. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/view/8262>. Acesso em: 26 mar 2025.

VALIM, Ricardo. *Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das ontologias tupi-guarani e yanomami*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2024.

VALIM, Ricardo; GIACOIA JR, Oswaldo. *O Poder dos Afetos: uma possível leitura do corpo a partir de Espinosa e do pensamento indígena*. Guairacá - Revista de Filosofia, vol. 41, nº 1, p. 172-189, 2025b. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/7889>. Acesso em: 25 mai 2025.

VALIM, Ricardo; PERPETUO ALVES SOARES, Domingos. *Projeto e Contemplação como Prática Educativa de Filosofia*. Revista *Kalágatos*, [S. l.], vol. 22, nº 2, p. e25016, 2025c. DOI: 10.52521/kg.v22i2.14862. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/14862>. Acesso em: 9 abr. 2025.